



CULTURA FÍSICA E EMBODIMENT NO CAMPO DOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS¹

PHYSICAL CULTURE AND EMBODIMENT IN THE FIELD OF PHYSICAL CULTURAL STUDIES

Ariane Boaventura da Silva Sá*

Universidade Estadual de Maringá - UEM

<https://orcid.org/0000-0003-3307-7832>

ariane.boaventura@hotmail.com

João Paulo Marques**

Universidade Estadual de Maringá – UEM

<https://orcid.org/0000-0001-8499-5997>

a.marques.jp@gmail.com

Larissa Michelle Lara***

Universidade Estadual de Maringá – UEM

<https://orcid.org/0000-0001-9210-6360>

laramlara@hotmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta noções fundamentais para compreender o emergente campo *Physical Cultural Studies/PCS* (Estudos Culturais Físicos). Por meio de uma abordagem teórico-descritiva, tecemos reflexões relacionadas à gênese e ao desenvolvimento do PCS e focalizamos dois conceitos que lhe são fundamentais: “cultura física” e “*embodiment*”. As discussões fornecem subsídios para abordagens que se desenham como críticas e comprometidas com mudanças sociais, com vistas a um diálogo profícuo entre pesquisadores/as que se envolvem com esse campo no cenário brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Embodiment; estudos culturais físicos; gênese; estudos culturais.

ABSTRACT: This article presents fundamental notions to understanding the emergent Physical Cultural Studies/PCS field. Through a descriptive-theoretical approach, the authors reflect on the genesis and development of PCS and focus on two key concepts: “physical culture” and “*embodiment*”. The discussions

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

* Doutora em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, na área de concentração Práticas Sociais em Educação Física.

** Doutorando em Educação Física PEF-UEM/UEL.

*** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada no Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e docente permanente no Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL.

provide subsidies for approaches that are draw themselves as critical and committed to social changes, with a view to a fruitful dialogue between researchers who are involved with this field in the Brazilian scenario.

KEYWORDS: Embodiment; physical cultural studies; genesis; cultural studies.

INTRODUÇÃO

Physical Cultural Studies (PCS), ou Estudos Culturais Físicos² – forma como o termo tem sido traduzido para a língua portuguesa (LARA; RICH, 2017; LARA, 2019; MARANI, 2019; FULLAGAR, 2019; SÁ, 2019; MARQUES, 2019; MARQUES; SÁ; LARA, 2021; SÁ; MARANI; LARA, 2021; MARANI, 2021) –, pode ser entendido como um campo de “tensões, debates, políticas e posições teórico-metodológicas peculiares” (LARA *et al.*, 2019, p. 229). Por essa razão, de acordo com Lara e Rich (2017, p. 1312), PCS é um termo “[...] polêmico e nebuloso que tem sido referenciado diversamente pela respectiva literatura como projeto, formação intelectual, quadro, movimento, campo de investigação, sensibilidade, mandato e abordagem”, movido por algumas investidas de definição (ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS, 2011; ANDREWS; SILK, 2015; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Esse campo de estudos ainda pouco explorado no Brasil se constituiu na interface entre, e como desdobramento dos, Estudos Culturais e Sociologia do esporte, impulsionado por embates disciplinares em departamentos de cinesiologia nos Estados Unidos (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Em sua constituição, os conceitos “cultura física” e “*embodiment*” se apresentam como basilares e se traduzem como formas potentes de expressão do corpo em contextos e dimensões analíticas diversas. Assim, ao reconhecermos a relevância dessas noções conceituais para o PCS, voltamo-nos a reflexões acerca de fatos que determinaram e/ou impulsionaram a gênese desse campo, bem como a aspectos norteadores dessa compreensão, notadamente, por meio de elucidações acerca das noções de cultura física e *embodiment*.

De cunho teórico-descritivo, este estudo dialoga com autores/as pertencentes ao PCS e que contribuem para entendê-lo, seja por suas explanações a respeito da conjuntura na/da qual emerge esse campo ou por desenvolverem suas pesquisas em abordagens orientadas por seus pressupostos. Desse modo, propomo-nos a discutir, inicialmente, alguns elementos acerca da gênese do PCS e dos conflitos geradores que possibilitaram seu delineamento, destacando, para isso, três condições de emergência desse campo e

² Apesar de traduzirmos o termo, optamos por manter a abreviação PCS por reconhecermos a notoriedade da sigla no meio acadêmico internacional.

características centrais que o demarcam. Posteriormente, vertemo-nos às noções de cultura física e *embodiment*, de modo mais detido, dialogando com pesquisadores/as desse campo investigativo em questões que contribuem para compreendê-las, bem como ao campo em questão. Por fim, tecemos considerações delineadas no sentido de aproximar essas noções do exercício de percepção holística do corpo em meio à diversidade de práticas socioculturais e de relações de poder.

DOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS

O processo formativo dos Estudos Culturais Físicos é marcado por diversos caminhos que dificultam a afirmação exata de quando e onde surgiu esse campo de estudos. Segundo Silk, Andrews e Thorpe (2017), pesquisadores/as situados/as em vários locais do mundo contribuíram, conscientemente ou não, para a formação do PCS, de modo que esse campo “[...] possui múltiplas trajetórias, diferentes formas de materialização, diferentes histórias em diferentes disciplinas e localizações geográficas; é um conjunto de diferentes conjunturas, formações e momentos” (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017, p. 1-2, tradução nossa). Logo, o PCS se opõe à ideia de ter uma formação conformada e finalizada. Ao invés disso, é compreendido como um projeto em construção, sendo que a falta de consenso – inerente ao campo – é um aspecto basilar, já que resulta em uma tensão intelectual generativa e propaga o entendimento de que essa abordagem se configura num permanente “estado em devir” (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

O PCS não almeja construir fronteiras disciplinares ou trajetórias fixas, mas busca torná-las porosas, configurando fundamentalmente um local de lutas internas e externas que contribuem para delinear seu projeto. Assim, o projeto PCS é (re)configurado à medida que pesquisadores/as avançam em seus estudos, e mesmo em suas críticas ao próprio campo, a fim de responderem às questões emergentes dos espaços conflituosos com os quais se confrontam (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). De certo modo, é possível indicar essa tensão generativa inclusive nos fatores que determinaram e/ou impulsionaram o surgimento do PCS: a) o desdobramento dos Estudos Culturais com enfoque no corpo; b) as lutas disciplinares nos departamentos de cinesiologia norte-americanos; e c) a epistemologia ampliada em relação à limitação da abrangência do objeto do campo da Sociologia do esporte em função de sua nomenclatura.

Na gênese do PCS, identificamos seu desdobramento a partir dos Estudos Culturais, surgidos na Inglaterra no período pós-guerra, em função da identificação de pesquisadores/as do PCS como pertencentes a esse campo (SILK; ANDREWS, 2011). Por

essa razão, alguns/mas defensores/as do PCS atribuem sua derivação, constituição e foco ao alinhamento com pressupostos dos Estudos Culturais (ANDREWS; SILK, 2015), assim como o fazem Vertinsky e Weedon (2017) ao afirmarem que o PCS se apropriou da sensibilidade crítica e política dos Estudos Culturais para questionar o corpo ativo e seu potencial emancipatório. Logo, essa apropriação se refere à linguagem, à orientação teórica e ao aparato conceitual dos Estudos Culturais, em meio à luta e à resistência quanto às formas de dominação sociocultural (VERTINSKY; WEEDON, 2017).

Entre as características dos Estudos Culturais que inspiraram a construção do “fazer PCS”³ destacamos as discussões relacionadas à dimensão política da cultura, o questionamento acerca de hierarquias sociais e as problematizações envolvendo marcadores de diferença do corpo, como raça, gênero, etnias e classes sociais, entre outros, cujos significados são social e culturalmente construídos. Assim, inquietações teóricas são articuladas a preocupações quanto à concretização de intervenções na realidade social e à valorização da cultura popular e de produções dela decorrentes. Além disso, o PCS acrescenta a esse direcionamento preocupações com questões concernes ao corpo e à cultura física.

Ainda quanto ao desdobramento a partir dos Estudos Culturais vale mencionar o estudo de Andrews e Giardina (2008) quando, ao introduzirem aquilo que chamaram de “próximo movimento” para os Estudos Culturais, apresentam algumas das características do PCS. Nesse estudo, os autores reforçam que os Estudos Culturais pressupõem que as “sociedades de capitalismo-tardio” são fundamentalmente divididas ao longo de linhas hierárquicas de diferenciação (organizadas em torno de marcadores de classe, gênero, raça, geração, entre outros), em que a cultura física se configura como importante espaço no qual essas divisões são impostas, vivenciadas e, eventualmente, contestadas. Por isso, Andrews e Giardina (2008) afirmam que é papel dos Estudos Culturais (e, por desdobramento, dos Estudos Culturais Físicos) identificar e intervir nesses locais de desigualdade e injustiça na busca por transformá-los.

Outro fator que impulsionou a criação do PCS foram as lutas disciplinares nos departamentos de cinesiologia dos Estados Unidos, ocorridas nas últimas décadas. Afinal, o PCS surge como resposta alternativa a ambiguidades e/ou inadequações que representavam, e ainda representam, uma série de ameaças intelectuais e institucionais para alguns/mas pesquisadores/as desses departamentos à medida que há supervalorização das

³ Expressão utilizada por intelectuais dos Estudos Culturais Físicos para se referirem às pesquisas realizadas no interior desse campo.

ciências naturais e biológicas em detrimento das ciências humanas e sociais, criando-se escalas hierárquicas na produção de conhecimento, como se algumas fossem mais importantes que outras. Assim, essa racionalidade constituinte do campo cinesiológico motivou a formação e o desenvolvimento do PCS por parte de intelectuais incomodados com tal contradição que tende a acirrar a competição e a desvalorização das áreas de humanidades (INGHAM, 1997; ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017; ANDREWS; SILK, 2015).

Na luta por reconhecimento e equidade nas universidades, Ingham (1997), apontado na literatura (ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS, 2011; GIARDINA; NEWMAN, 2011) como um dos precursores do PCS, propõe a formação de um departamento de *Physical Cultural Studies*, ressaltando a necessidade de romper com a reprodução de hierarquias de conhecimento e segregação subdisciplinares nos departamentos de modo a acabar com privilégios de determinadas disciplinas. Na mesma linha de pensamento, Andrews (2008), ao refletir acerca da *doxa* científica que constitui a formação da cinesiologia nas universidades norte-americanas, denomina de “verdade inconveniente” a predominância de valorização (em termos de reconhecimento e distribuição de recursos financeiros) de um *corpus* de conhecimento construído nesse campo a partir de critérios pautados no quantitativo, no preditivo e no modelo tradicional de ciência (de viés positivista). Com isso, ele afirma que as ciências biológicas e as ciências sociais precisam umas das outras, mutuamente, para a formação do campo maior, que é o da cinesiologia.

O surgimento do PCS decorre também do mal-estar gerado no interior da Sociologia do esporte devido à predominância de pesquisas voltadas ao esporte com fim nele mesmo, deixando à margem pesquisas com focos não-esportivos (envolvendo dança, recreação, lazer e outros). Essa condição gerou inquietações que motivaram intelectuais de abordagens críticas no interior dessa área a criarem um movimento com intuito de ampliar o foco para além do esporte, incluindo, assim, a ampla gama de práticas culturais físicas, as quais abrangem o esporte, mas não se restringem a ele. Esse movimento de contestação impulsionou pesquisadores/as da sociologia do esporte a se organizarem em torno do campo de investigação nomeado *Physical Cultural Studies* – PCS (SILK; ANDREWS, 2011; ANDREWS; SILK, 2015; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017; LARA; RICH, 2017), referido em língua portuguesa como Estudos Culturais Físicos.

De acordo com Andrews (2008), sociologia do esporte passa a ser um termo inadequado se considerarmos que a área não é exclusivamente sociológica e, tampouco,

focada apenas no esporte. Essa afirmação se fundamenta no fato de que “[...] a abrangência da pesquisa na sociologia do esporte se expandiu para incorporar os domínios empíricos de condicionamento físico, de dança, de exercício, de movimento, de bem-estar e de saúde” (ANDREWS, 2008, p. 51, tradução nossa). No mesmo sentido, Andrews e Silk (2015, p. 84, tradução nossa) argumentam que não entendem a sociologia do esporte como “[...] uma ‘totalidade expressiva’ que se une em torno do esporte [...]”, mas como “[...] caracterizada por uma ‘unidade-em-diferença’ [...]”, cujo elemento unificante é o compromisso com a compreensão das diversas formas de “[...] culturas (instituições, interações, experiências) do físico (do qual o esporte é apenas um elemento, embora significativo)”.

É importante ressaltar que esse movimento de contestação não ocorreu de forma pacífica e sem críticas, uma vez que pesquisadoras feministas vinculadas a universidades, faculdades e institutos nos Estados Unidos e no Canadá, por exemplo, expressaram o incômodo gerado pela apresentação do PCS como “novo campo” e com a capacidade de livrar a sociologia do esporte de seu obituário (ADAMS *et al.*, 2016). Logo, tais pesquisadoras criticavam a forma como alguns/algumas pesquisadores/as do PCS desconsideraram os estudos feministas, direcionando suas críticas não apenas aos movimentos intelectuais que os/as estudiosos/as do PCS diziam estar realizando, mas em como eles estavam sendo feitos. Com isso, expressavam suas preocupações com o tom de alguns escritos do PCS e seus efeitos territorializantes.

Diante dessas condições que ajudam a explicar a emergência dos Estudos Culturais Físicos e a compreender os aspectos constitutivos desse campo, apontamos algumas características centrais do PCS, a partir de elucidações propostas por Andrews (2008). O pesquisador escreve a respeito dessa abordagem na tentativa de contribuir para a compreensão e, conseqüentemente, para a delimitação do campo e do projeto PCS. Ele explica que o PCS realiza a análise da cultura física e de suas relações de poder a partir de espaços/contextos (sociais, políticos, econômicos, tecnológicos, discursivos, subjetivos) em relação aos quais os corpos são organizados, representados e experimentados. O autor também observa que o PCS entende a cultura física como espaço propício para a reprodução – e, por vezes, o enfrentamento – de normas e diferenças de classe, etnia, gênero, capacidade, gerações, nacionalidades, raças e/ou sexualidades, buscando iluminar e intervir em locais de injustiças e desigualdades socioculturais.

Para viabilizar e instrumentalizar essa busca, o PCS propõe uma abordagem multimétodo (etnografia, autoetnografia, observação participante, análise contextual, de discurso e de mídia), valendo-se, assim, de conceitos e teorias de disciplinas variadas

(estudos culturais, urbanos e de mídia, economia, história, filosofia, sociologia) (ANDREWS, 2008). Logo, esse campo se orienta por uma compreensão relacional e plural da cultura física, local em que diferentes expressões de *embodiment* são possibilitadas, materializadas e examinadas junto a processos socioestruturais, discursivos, institucionais, comunitários, subjetivos e/ou corpóreos (SILK, ANDREWS, THORPE, 2017). Nessa perspectiva, o PCS avança em investigações críticas, empiricamente fundamentadas, teoricamente informadas, politicamente incisivas e metodologicamente rigorosas acerca da cultura física (ANDREWS, 2008; SILK, ANDREWS, 2011).

É importante mencionar que, apesar de algumas tentativas de delinear o campo dos Estudos Culturais Físicos (ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS, 2011; ANDREWS; SILK, 2015; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), nenhuma delas teve a intenção de cunhar um conceito definitivo e acabado. Pesquisadores/as partem do pressuposto de que o essencial do PCS é sua constituição como projeto coletivo em construção democrática, que se desenvolve em uma comunidade de aprendizagem dialógica e que, portanto, a valorização do diálogo é algo essencial. Afinal, pesquisadores/as do PCS reconhecem as críticas sofridas ao longo dos anos e buscam incorporá-las ao projeto e ao campo (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Foi nesse sentido que, visando aprender com os descuidos anteriores e demonstrar o estado atual dos estudos do PCS, Silk, Andrews e Thorpe (2017) organizaram a coletânea intitulada *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*.

Com o intuito de contemplar a diversidade de ideias que ajudam a estabelecer bases de apoio e a expandir as fronteiras incertas do PCS, a coletânea organizada por Silk, Andrews e Thorpe (2017) reúne perspectivas ontológicas, teóricas e metodológicas de diversos/as estudiosos/as em torno do objeto desse campo. Com isso, o propósito da coletânea não é oferecer uma metanarrativa definitiva sobre o que, afinal, é o PCS, mas ao contrário disso, consistiu-se em uma tentativa de reunir diferentes posicionamentos e tensões para ajudar a entender e a pensar como o PCS poderia ser uma abordagem capaz de compreender tanto as expressões de movimentos *embodiment* quanto também as manifestações da cultura física (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Silk, Andrews e Thorpe (2017), ao refinarem as descrições anteriores do PCS, discorrem sobre essa abordagem como um projeto intelectual transdisciplinar com raízes em formas de investigação críticas e qualitativas, em que a autorreflexividade (inerente ao campo) demonstra sua dinamicidade. Essa abordagem toma como objeto de pesquisa a cultura física em sua ampla gama de expressões/formas de manifestação. Outro aspecto descrito nessa coletânea refere-se à preocupação do PCS com a forma de teorizar o

processo empírico “[...] a partir da identificação, interpretação e intervenção nas formas pelas quais a cultura física – relacionadas às estruturas e instituições, espaços e locais, discursos e representações, subjetividades e identidades e/ou práticas de *embodiment* – [...]” (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017, p. 5, tradução nossa) se relaciona a contextos sociais, econômicos, políticos e tecnológicos diversificados.

Ao contextualizar a cultura física, o PCS busca entender como os corpos são organizados, disciplinados, representados, incorporados e experienciados a partir de inflexões e operações conjunturais de poder na sociedade (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Assim, ainda segundo Silk, Andrews e Thorpe (2017), o PCS, na forma de pedagogia crítica, visa gerar e propagar um tipo de conhecimento que seja capaz de auxiliar indivíduos e grupos a discernirem, desafiarem e, potencialmente, transformarem estruturas e relações de poder existentes, conforme manifestadas e experienciadas dentro e por meio da cultura física.

Para sintetizar nossa elucidação a respeito da formação do PCS e de suas características, salientamos que, nesse esforço de definição, Silk, Andrews e Thorpe (2017) expuseram oito dimensões que consideram importantes na constituição dessa abordagem, quais sejam, as dimensões empíricas, contextual, transdisciplinar, teórica, política, qualitativa, autorreflexiva e pedagógica. Contudo, a indicação de tais dimensões não visa à formulação de um modelo prescritivo do PCS. Em vez disso, consideram que, como campo intelectual dinâmico, é possível que essas dimensões sejam incorporadas às pesquisas – se não todas, algumas – à medida que os estudos avancem na busca por engajamento na realidade sob escrutínio.

DA CULTURA FÍSICA NOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS

Cultura física é um termo complexo e abrangente, uma vez que diversos entendimentos a seu respeito já foram empreendidos no decorrer da história. Nesse sentido, segundo Andrews (2008), cultura física, para alguns, evoca alusões ao final do século XIX e início do século XX referentes ao cultivo do corpo físico, enquanto, para outros, lembra as exposições de ginástica em massa dos movimentos alemão e tcheco. De acordo com Kirk (1999), na década de 1930, essa expressão entrou em desuso nos países de língua inglesa e, após a Segunda Guerra Mundial, referia-se aos exercícios com música para mulheres manterem o corpo em boa forma, além da associação ao naturalismo e ao *bodybuilding*.

A retomada do uso da expressão cultura física pelo PCS se deu de forma gradual a partir de algumas publicações de intelectuais do campo. Nesse sentido, no primeiro marco histórico e teórico do PCS, Ingham (1997) apontou a importância de estudos interdisciplinares de práticas em culturas físicas, tais como exercícios, treinamento, esporte recreativo e representacional. Para ele, em vez de continuar reproduzindo hierarquias de conhecimento e segregação subdisciplinar nos departamentos de cinesiologia seria preciso realizar estudos das práticas de cultura física, considerando as questões históricas, culturais, estruturais, pessoais e os componentes que se interrelacionam (envolvendo classe social, gênero, etnia e outros).

Kirk (1999) ressaltou a necessidade de retomar o termo cultura física por ele ser capaz de nomear, teoricamente, interesses de ampla gama de cientistas sociais do esporte, do exercício físico, do lazer e da educação física. Para o autor, a noção de cultura física poderia ser um elemento útil para abordar teoricamente as relações que envolvem os locais de práticas e as formas institucionalizadas de atividades físicas e práticas corporais especializadas. Especificamente, de acordo com Kirk (1999), o termo cultura física se refere a uma série de práticas relacionadas à manutenção, representação e regulação do corpo, centradas em três formas institucionalizadas de atividade física: o esporte, a recreação e o exercício físico.

Com o intuito de abordar a relação entre a cultura física e o corpo, Hargreaves e Vertinsky (2007) organizaram o livro *Physical Culture, Power, and the Body*. As autoras tomaram o corpo em movimento como central nas diferentes práticas culturais físicas e consideraram as formas como os corpos são investidos de poder, bem como exercem o poder social e culturalmente. Desse modo, Hargreaves e Vertinsky (2007) buscam desafiar velhas certezas a respeito do corpo e da cultura física e investigam as mudanças no conhecimento acerca do corpo e das maneiras pelas quais ele foi e ainda é experienciado, compreendido e transformado. Assim, em cada capítulo do livro os/as autores/as discorrem acerca da atribuição de significados e impactos no corpo em meio às práticas de cultura física.

Andrews (2008), no artigo “*Kinesiology’s inconvenient truth: the physical cultural studies imperative*”, considerado o segundo marco no percurso histórico de entendimento e formação do PCS, esclarece que existem várias razões para o uso do termo cultura física ao invés de esporte, entre elas, a virada cultural⁴ na sociologia, a partir da década de 1980, que

⁴ A virada cultural se refere à mudança de paradigma nas ciências sociais e humanas que passou a pensar a cultura como condição constitutiva da vida social, e não mais como uma variável dependente (HALL, 1997).

tornou o estudo sociológico do corpo e do *embodied* cada vez mais importante dentro da área. Com isso, houve inúmeras conferências e publicações de pesquisas que focaram na análise cultural crítica do corpo de modo a colocá-lo na linha de frente da agenda intelectual. Foi a partir desse período que os pesquisadores da sociologia do esporte (re)descobriram o corpo e, portanto, as questões que envolvem a fisicalidade como o núcleo empírico desse campo de estudos, rompendo gradualmente com o foco das preocupações no esporte e ampliando-o progressivamente para as demais materializações da cultura física.

Tomando como base essas considerações, entendemos que o termo cultura física na abordagem PCS engloba práticas em que o próprio corpo se apresenta como objetivo e razão dessas práticas, considerando sua anatomia, sua fisicalidade e, principalmente, suas particularidades de movimento (HARGREAVES; VERTINSKY, 2007). Logo, o corpo e o movimento humano mostram-se centrais na cultura física (INGHAM, 1997), cujo sentido ampliado possibilita entendê-la como “[...] constituída por, e constitutiva de, *movimentos* – tanto no sentido cinético corporal, quanto nas mudanças políticas e relações de poder mais amplas que o corpo humano traz à tona” (GIARDINA; NEWMAN, 2011, p. 41, tradução nossa, grifo do autor). Assim, é possível dizer que a cultura física é “[...] um local onde forças sociais, discursos, instituições e processos se reúnem, se solidificam e são contestados de maneira que contribui para a formação de relações humanas, de experiências e de subjetividades [...]” (ANDREWS, 2008, p. 56, tradução nossa).

É válido notar que esse olhar para a cultura física, voltado ao corpo humano e às particularidades de seus movimentos, é construído em convergência com a concepção de um fazer acadêmico específico, do qual partilham pesquisadores/as dos Estudos Culturais Físicos. Essa concepção refere-se a uma multiplicidade de formas de manifestar o corpo e a cultura física, as quais incluem o movimento e, com ele, práticas relacionadas ao esporte, ao exercício, à saúde, à dança, entre outras, por meio das quais as subjetividades, as identidades e as experiências são vivenciadas e negociadas por cada sujeito (ANDREWS, 2008). Em complemento, Silk, Andrews e Thorpe (2017) explicam que o PCS compreende a cultura física a partir de uma abordagem relacional e pluralista, em que as várias expressões de *embodiment* – possibilitadas pelas vivências e negociações dos sujeitos decorrentes do envolvimento com tais práticas – são vistas como elementos constituintes da formação conjuntural mais ampla em que a cultura física se insere.

A própria natureza da cultura física a torna um complexo local empírico, no qual diversos marcadores sociais de diferença (classe, etnia, gênero, habilidade, geração,

nacionalidade, raça e/ou sexualidade) são atravessados, se mesclam e são incorporados pelos sujeitos, podendo ser encenados, experimentados e, às vezes, contestados (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017; ANDREWS, 2008). Partindo desse entendimento, Kohe e Newman (2011) pontuam que, na abordagem dos Estudos Culturais Físicos, o físico (ou o corpo) não diz respeito somente a como as diversas práticas de cultura física (ou práticas corporais) representam e reproduzem significados mas, principalmente, a “[...] como os corpos, quando colocados em movimento performativo, mantêm a capacidade de resistir, negociar e desafiar estruturas sociais e políticas, e de transcender as fronteiras normativas” (KOHE; NEWMAN, 2011, p. 72, tradução nossa). Portanto, o corpo não é considerado objeto, tampouco abjeto, mas é permanentemente dialético nessa abordagem (GIARDINA; NEWMAN, 2011).

Silk, Andrews e Thorpe (2017) afirmam que, nas últimas décadas, a expressão cultura física surge com mais intensidade em diversas áreas acadêmicas⁵, com enfoque em seu significado social, político e econômico. Por essa razão, diversos estudiosos passaram a reconhecê-la como uma forma significativa de investigação intelectual e crítica a respeito das relações entre corpo, poder e cultura. Lara e Rich (2017), ao investigarem um conjunto de artigos de autoria de estudiosos/as do PCS, buscaram compreender a cultura física a partir de articulações entre práticas, discursos e subjetividades, observando relações entre corpo, esporte, saúde/doença, atividades físicas e contextos político-sociais, econômicos e tecnológicos. Em outras palavras, a cultura física, de maneira geral, pode ser entendida como práticas em que o corpo e suas manifestações se relacionam com questões sociais, atravessadas e constituídas por relações de poder que se expressam pela “[...] existência de desigualdades ou injustiças culturais; vantagens ou desvantagens; habilitações ou restrições; empoderamentos ou desempoderamentos” (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017, p. 7, tradução nossa).

A cultura física configura-se a partir de numerosos eventos, a exemplo das práticas corporais institucionalizadas convencionais, ou seja, os esportes, as danças, as lutas, a recreação, o lazer, o *fitness*, os exercícios físicos voltados ao condicionamento e à saúde. Entretanto, outras atividades que envolvam o corpo em movimento performativo também podem ser compreendidas como formas de expressão de práticas culturais físicas, constituindo-se, assim, como possíveis objetos de análise dos Estudos Culturais Físicos. Pensando nisso, ao realizarem suas pesquisas, os/as estudiosos/as do PCS buscam

⁵ As áreas acadêmicas incluem campos como os estudos americanos, antropológicos, arquitetônicos, de gênero, geográficos, latino-americanos, de mídia e comunicação, étnico-raciais e urbanos (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

compreender suas inquietações investigativas tendo em perspectiva questões que envolvem a fisicalidade e o *embodiment*, bem como as relações observáveis entre os corpos dos sujeitos e as operações de poder.

DO *EMBODIMENT* NOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS

Embodiment é uma expressão de língua inglesa utilizada de forma recorrente e, de certa forma, naturalizada nos estudos de pesquisadores/as vinculados/as ao PCS. Logo, a apreensão e a compreensão de seu sentido se dão, na maioria das vezes, pelas entrelinhas das discussões propostas pelos/as pesquisadores/as nessas produções. No entanto, a partir dos elementos que configuram e dão forma a esse campo investigativo, conforme indicado no decorrer dos tópicos anteriores deste artigo, entendemos que essa naturalidade/naturalização se deve, além das particularidades da língua inglesa, ao engajamento dos/as pesquisadores/as com seus estudos e, conseqüentemente, com as produções deles decorrentes, de modo que as questões investigadas se mostram *embodied* pelos próprios autores.

Vieira (2013) contribui para o entendimento dessa condição *embodied* ao elucidar que há, no processo de desenvolvimento de pesquisas, a incorporação de experiências transformadoras que se tornam parte do/a pesquisador/a, alterando também seus modos de ver e interagir com as pessoas e com o mundo circundantes. No entanto, a autora reconhece ser necessário também um engajamento corporal no momento vivido para que ocorra essa transformação, ou seja, é preciso que haja certo envolvimento sensorial que propicie a mobilização de múltiplas formas de perceber e interagir com o momento vivido pelo sujeito – nesse exemplo, o sujeito-pesquisador e o momento da pesquisa.

Esse aspecto se sobressai ao tratar do *embodiment* no PCS, dado que o engajamento com a pesquisa e com a transformação social é latente nesse campo investigativo e no “fazer PCS”, evidenciando compromissos vinculados, principalmente, às dimensões políticas e pedagógicas desse campo, embora não exclusivamente. Nesse engajamento, os/as pesquisadores/as identificados/as nesse campo são impulsionados/as, em grande medida, por inquietações emergentes de suas contextualidades e de seus envolvimento com práticas culturais físicas específicas. Assim, *embodiment* é um termo que expressa também as múltiplas formas pelas quais essas inquietações se apresentam, sendo mobilizado nessas pesquisas, sobretudo, como um “constructo” (KRIEGER; SMITH, 2004). Em outras palavras, *embodiment* é concebido como uma noção conceitual referente a aspectos não observáveis diretamente pelos sujeitos em seus envolvimento com a cultura

física, embora se trate de experiências subjetivas e corpóreas e, portanto, perceptíveis pelos sujeitos por meio de seus sentidos.

Disso resulta, em parte, a centralidade atribuída ao corpo no PCS – a qual não se isenta de críticas⁶ –, dado que é no/por meio do corpo que necessidades de transformação e, eventualmente, experiências transformadoras são percebidas, sentidas e vivenciadas pelos sujeitos. Contudo, vale ressaltar que, assim como demonstra Hall (1997) em relação à cultura, também o termo *embodiment* (no que se refere à produção de compreensões a seu respeito) constitui um campo de disputas e significação. Enquanto noção instrumental e/ou conceitual, *embodiment* recebe diferentes olhares interpretativos, variando semanticamente conforme a fundamentação e o direcionamento analítico que lhe são atribuídos, o que envolve as distintas orientações teóricas que embasam os sujeitos-pesquisadores ao se instrumentalizarem dessa noção. Nesse sentido, no que se refere à aplicação conceitual, como ressalta Castanho (2014), *embodiment* constitui um termo “escorregadio”, pois pode assumir diferentes significados a depender de como for empreendido.

O problema da compreensão dos sentidos e significados de *embodiment*, como informa Castanho (2014), torna-se ainda mais complexo quando o termo é contrastado com outras línguas. Isto é, quando se realiza a tradução de *embodiment* – expressão de língua inglesa – para diferentes línguas, há, consequentemente, a transposição para outros contextos, levando à abertura para a aceção de significados recorrentes em tais contextos. Esse aspecto também se apresenta no estudo de Lara e Rich (2017) a respeito dos estudos da cultura física na Universidade de Bath (Reino Unido), no qual as autoras ressaltam a inexistência de um termo correlato capaz de dimensionar a expressão *embodiment* em língua portuguesa. Contudo, Lara e Rich (2017, p. 1312) pontuam que o termo “sugere a percepção do sujeito em sua dimensão holística a partir de um corpo vivido, experimentado, incorporado, encontrado em si mesmo e na relação com o outro, percebido como um composto unitário relacional entre matéria, desejo, consciência, emoções e subjetividade”.

Visando contribuir para o entendimento das questões em torno da construção de sentidos e significados dessa expressão, Castanho (2014) aponta como possibilidades de traduções mais alinhadas à gênese e à semântica do termo em língua inglesa as expressões “incorporação”, no sentido de (re)encarnar, de entrar e de se instalar na carne (baseado em ideais cristãos), e “personificação”, referindo-se ao ato de performar, de dar forma e tornar

⁶ A esse respeito, ver a crítica de Millington e Wilson (2016) quanto ao antropocentrismo do PCS.

visível/observável uma qualidade ou condição de ser, precisamente na figura de uma persona. Com isso, entendemos que *embodiment* diz respeito às manifestações físicas, psíquicas, afetivas e/ou performativas de instituições interna e externamente orientadas, as quais incidem nos modos de ver, compreender e agir dos sujeitos em relação aos outros (sujeitos e objetos/mundo) e também a si mesmos.

Castanho (2014, p. 11) argumenta que *embodiment* não compreende apenas um conceito, mas um conjunto deles, dada a complexidade de formulações empreendidas para sua compreensão e análise. Sob essa perspectiva, *embodiment* pode ser instrumentalizado como um conceito que possibilita direcionar a atenção dos sujeitos para a “dimensão holística” (LARA; RICH, 2017) dos corpos devido à sua multidimensionalidade⁷. Isso implica no entendimento de que os corpos dos sujeitos se relacionam afetivamente em diferentes níveis/dimensões, entre os/as quais se encontram o movimento, a ação social, a matéria orgânica, a consciência, a emoção e o desejo: aspectos notadamente relativos à fisicalidade, à subjetividade e aos corpos dos sujeitos.

Nos termos de Krieger e Smith (2004), entender os diferentes níveis com os quais os corpos se relacionam afetivamente significa atentar para a integração entre processos sociais (contexto, posição, produção, consumo e reprodução) e biológicos (reprodução, desenvolvimento, crescimento, existência e evolução no tempo-espaço). Essa compreensão também perpassa os entendimentos de Jette *et al.* (2017) e de Glass e McAtee (2006) acerca do termo, já que *embodiment* é referido por esses/as autores/as como um “conceito integrador” que permite entender como fatores sociais regulam comportamentos e, também, como vêm a se tornar *embodied*, ou seja, os processos pelos quais estressores sociais se inscrevem e se expressam nos e pelos corpos dos sujeitos, por meio e a partir das experiências vividas do decurso de suas vidas. Desse modo, o termo faz referência à cotidiana experiencição, vivência e transcrição/decodificação de estressores sociais nos corpos dos sujeitos, especificamente, a partir de seus movimentos e envolvimento com práticas culturais físicas, no que interessa ao PCS.

Ao ser instrumentalizado como um conceito integrador, a noção de *embodiment* se apresenta como um parâmetro inicial possível para incursões analíticas voltadas ao objeto do PCS, assim como para “fazer PCS” em pesquisas, dado que essa noção se mostra na interface entre corpo, cultura física e relações de poder, três elementos caros às premissas desse campo investigativo (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Quanto a isso, vale

⁷ É importante destacar que embora tenhamos tangenciado, nesse artigo, aproximações entre a perspectiva holística do corpo e sua dimensão *embodiment*, esse aspecto não constitui foco ou eixo do estudo em questão. Contudo, reconhecemos a pertinência temática a ser considerada em investigações futuras.

ressaltar a compreensão de Krieger e Smith (2004) de que o termo faz menção à constituição corporal em sua amplitude e totalidade, ou seja, às origens e trajetórias sociais e biológicas de modo unitário, partindo do entendimento de que o ser humano é um ser social, membro de uma sociedade, assim como é parte de uma espécie biológica. Em outros termos, entende-se que essas são categorias que não se dissociam no trato real dos sujeitos e de suas experiências. É nesse sentido que *embodiment* faz menção à dimensão holística dos sujeitos (LARA; RICH, 2017) e de suas interações corporificadas (VIEIRA; BOND, 2017), devendo ser analisado a partir das complexidades que tal dimensão informa às pesquisas.

Esse olhar amplo e relacional quanto aos “usos” do termo *embodiment/embodied* por pesquisadores/as envolvidos/as com o PCS está em consonância com os esforços de construção desse projeto (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), o qual busca manter a dinamicidade do campo investigativo a fim de possibilitar pesquisas voltadas a diferentes manifestações culturais físicas (ANDREWS, 2008; GIARDINA; NEWMAN, 2011). Além disso, essa intencionalidade se associa ao compromisso de pesquisadores/as com a denúncia a formas de desigualdade e injustiça manifestas nas relações estabelecidas entre os sujeitos e as práticas culturais físicas, como descrito anteriormente. Assim, é importante que o/a pesquisador/a que busca se instrumentalizar dessa noção sob a sensibilidade do PCS considere sua complexidade e dinamicidade ao analisar, interpretar e agir na realidade investigada, além de exercitar o olhar integrado e abrangente quanto ao fenômeno/objeto sob escrutínio e a complexidade das condições das quais emergem a necessidade e a motivação por mudanças e transformações contextuais e/ou sociais.

Portanto, frente às questões apresentadas nesse tópico, discorreremos a respeito de possibilidades e/ou caminhos pelos quais outros/as pesquisadores/as podem vir a se aproximar e, eventualmente, a aprofundar esse conceito em ações praxiológicas. Nesse sentido, entendemos que um aspecto importante a ser observado corresponde à sensibilização quanto ao olhar atento a relações históricas, econômicas, políticas e filosóficas às quais estão submetidos tanto os sujeitos – seus corpos, subjetividades, identidades – quanto as práticas culturais físicas. Entendemos que esse exercício consiste em um movimento que contribui para perceber, identificar e interpelar as relações de força e de poder que perpassam e constituem o fenômeno investigado. Essa atenção é sinalizada e exemplificada pela crítica tecida por Jette *et al.* (2017) à fragmentação e à orientação individualizante e estritamente biológica de intervenções em saúde no contexto da epidemiologia social e da sociologia do corpo.

Um exemplo da instrumentalização do constructo/conceito *embodiment* para uma prática analítica e interventiva orientada às proposições do PCS pode ser retomado do panorama geral dos trabalhos de Glass e McAtee (2006) e Jette *et al.* (2017). Nesses trabalhos, em termos gerais, os/as autores/as investigam modos pelos quais fatores de risco e disparidades em saúde são internalizados pelos sujeitos e ficam “sob a pele” (*under the skin*), ou seja, eles/as desvelam e demonstram como discursos fabricados sob a lógica neoliberal de individualização da responsabilidade pela saúde ocultam processos de *embodiment* afetos a desigualdades sociais estruturadas ao longo das gerações. Assim, esses trabalhos demonstram como desigualdades sociais se tornam *embodied*, evidenciando processos em que características da conjuntura e do ambiente sociais alteram sistemas internos dos sujeitos e trazem impactos à saúde de pessoas no que se refere à sua subjetividade e a seus estilos de vida.

A noção de *embodiment* apreendida a partir de pesquisas vinculadas ao PCS, como buscamos demonstrar ao longo desse tópico, representa um instrumento conceitual relevante, sobretudo por considerar a complexidade e a dinamicidade das relações entre os sujeitos e seus corpos com a cultura física e as relações de poder social e culturalmente estabelecidas. Assim, como um conceito integrativo, *embodiment* nos alerta para a necessidade de ações atentas à interatividade entre sujeito e contexto/sociedade nas abordagens do corpo e de suas práticas. Isso implica, na condição de pesquisadores/as de práticas afetas à cultura do corpo e do movimento humano, exercitar a sensibilidade e a percepção relacionados aos fatores que impactam na fabricação das conjunturas em que nos movemos, experienciamos, vivemos e construímos nossas subjetividades e nossos estilos de vida. A partir disso é possível perspectivar análises contextuais e multidimensionais do corpo e da cultura física, a fim de apreender a complexidade e os limites do fenômeno investigado de modo menos ou antirreducionista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estudos Culturais Físicos se constituem por diferentes caminhos que confluem em um projeto que se propõe em permanente construção, com formas e possibilidades dinâmicas e não consensuais, atributo que configura o PCS como um local de tensões generativas. Com essa abordagem inacabada e em (re)construção o PCS se coloca em constante movimento, o que suscita certa porosidade e plasticidade, tanto de disciplinas e teorias quanto de pesquisadores/as que se propõem a analisar criticamente as complexas conjunturas às quais se voltam. Essa postura se ampara em uma sensibilidade

crítica herdada dos Estudos Culturais britânicos e volta-se às lutas contra formas de dominação e, conseqüentemente, contra formas de resistência, hierarquias e hegemonias que fomentam maneiras desiguais e injustas de organização das relações humanas. Com efeito, esse traço impacta diretamente na dimensão política do PCS ao se verter às análises do corpo em seus processos de *embodiment* e da ampla gama de manifestações da cultura física.

Questionar e desestabilizar estruturas hierárquicas de dominação que perpetuam desigualdades e formas de injustiça nas relações humanas, em primeira instância, implica em questionar também os limites das disciplinas que informam a respeito dessas estruturas. Desse modo, torna-se fundamental tensionar os limites e as possibilidades disciplinares, exercitando a mutualidade entre eles, sob múltiplas perspectivas, bem como sua transcendência. Tais tensões se dão, como sinalizam as discussões propostas nesse estudo, a partir da afetividade dos/as pesquisadores/as em relação aos fenômenos investigados. Contudo, dado o fato de essas tensões estarem inseridas em uma historicidade e serem relativas a marcadores sociais de diferença que qualificam os corpos dos sujeitos e seus modos de vida, a afetividade dos/as pesquisadores/as se desloca do plano da individualidade para se inscrever no da intersubjetividade.

Descrever e delimitar os fenômenos do PCS para ordenar e indicar ações necessárias e possíveis para entendê-los e, eventualmente, transformá-los torna-se uma ação necessária. No entanto, entendemos que os limites do PCS estão sujeitos à temporalidade e à historicidade, tanto dos conhecimentos quanto de quem trabalha em suas construções, das conjunturas em que se formam e dos propósitos atribuídos. Além disso, disciplinas e conhecimentos variam conforme a complexidade dos níveis analíticos que se pretendem acerca dos fatores que formam um determinado fenômeno, para além dos modos como o fenômeno é concebido e afeta aqueles/as que o investigam. Daí a relevância em contestar o corpo e a cultura física como locais, espaços analíticos da rede de afetos e de poder que nos constituem como seres no mundo, de processos de *embodiment* que orientam e impactam valores e visões de mundo que incidem nos modos como construímos relações interpessoais e, também, de poder, assim como nas maneiras como as exercemos.

Esses são elementos que o PCS faz emergir à nossa consciência como sujeitos-pesquisadores ao propormos uma compreensão relacional e plural dos processos de *embodiment* na cultura física, chamando a atenção para dimensões empírica, contextual, transdisciplinar, teórica, política, qualitativa, autorreflexiva e pedagógica que os envolvem, e

também para abordagens que defendam formas democráticas de acesso a eles. Com isso, entendemos que esse campo investigativo reforça a necessidade de uma percepção holística do corpo, contribuindo para abordagens que o focalizem na diversidade de práticas sociais e de relações de poder com as quais dialoga. Logo, o PCS se constitui como uma abordagem potente para questionar e buscar formas de contestar injustiças e desigualdades percebidas na cultura física. Esse é o chamado que o PCS faz aos/às pesquisadores/as, especialmente, ao sinalizar a importância de práticas de pesquisas engajadas, com experiências significativas, transformadoras, *embodied*.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Mary Louise; HELSTEIN, Michelle; KIM, Kyoung-yim; MCDONALD, Mary; DAVIDSON, Judy; JAMIESON, Katherine; KING, Samantha; RAIL, Geneviève. Feminist Cultural Studies: uncertainties and possibilities. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, p. 75–91, 2016.

ANDREWS, David Lawrence. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v. 60, n.1, p. 45–62, 2008.

ANDREWS, David Lawrence; GIARDINA, Michael. Sport without guarantees: toward a cultural studies that matters. **Cultural Studies – Critical Methodologies**, v. 8, n. 4, p. 395–422, 2008.

ANDREWS, David Lawrence; SILK, Michael. Physical cultural studies on sport. p. 83-93. In: GIULIANOTTI, Richard (Org.). **Routledge Handbook of the Sociology of Sport**. Londres: Routledge International Handbooks, 2015.

CASTANHO, Arlindo José Nicau. Para a desambiguação do conceito de embodiment. *In*: Congresso AISPEB - **Jogos de espelhos: modelos, tradições, contaminações e dinâmicas interculturais nos/entre os Países de Língua Portuguesa**. v. II. Departamento di Filologia, Letteratura e Linguistica/Università di Pisa - 29 a 31 ottobre, Itália: Pisa, 2014.

FULLAGAR, Simone. A physical cultural studies perspective on physical (in) activity and health inequalities: the biopolitics of body practices and embodied movement. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 63-76, 2019.

GIARDINA, Michael; NEWMAN, Joshua. What is this “Physical” in Physical Cultural Studies?. **Sociology of Sport Journal**, n. 28, p. 36-63, 2011.

GLASS, Thomas; MCATEE, Matthew. Behavioral science at the crossroads in public health: extending horizons, envisioning the future. **Social science & medicine**, v. 62, n. 7, p. 1650-1671, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HARGREAVES, Jennifer; VERTINSKY, Patrícia. **Physical culture, power, and the body**. Londres e Nova York: Routledge, 2007.

INGHAM, Alan. Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. p.157–182. In: Juan-Miguel Fernandez-Balboa (Org.). **Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport**. Albany: State University of New York Press, 1997.

JETTE, Shannon; MAIER, Julie; ESMONDE, Katelyn; DAVIS, Cherise. Promoting Prenatal Exercise from a Sociocultural and Life-Course Perspective: An “Embodied” Conceptual Framework. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 2017.

KIRK, David. Physical culture, physical education, and relational analysis. **Sport, Education and Society**, v. 4, n. 1, p. 63-73, 1999.

KOHE, Geoffrey; NEWMAN, Joshua. Body commons: toward an interdisciplinary study of the somatic spectacular. **Brolga**, 2011.

KRIEGER, Nancy; SMITH, Davey George. “Bodies count,” and body counts: social epidemiology and embodying inequality. **Epidemiologic reviews**, v. 26, n. 1, p. 92-103, 2004.

LARA, Larissa Michelle. Pesquisa e ensino em corpo, cultura e ludicidade em tempos de adversidades. In: LARA, Larissa Michelle; LOPES, Beatriz Ruffo; SOUZA, Vânia de Fátima Matias (Orgs.). **Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade**. Maringá, GPCCL, p. 59-66, 2019. Disponível em:

<http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpSioEstudosCulturaisEF2019.pdf>. Acesso em: 7 set. 2021.

LARA, Larissa Michelle; HEROLD JUNIOR, Carlos; MIRANDA, Antonio Carlos Monteiro de; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. Resenha de Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 229-230, abr./jun. 2019.

LARA, Larissa Michelle; RICH, Emma. Os estudos de cultura física na universidade de Bath-reino unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, out./dez. 2017.

MARANI, V. H. O (re)conhecimento do corpo nos estudos culturais físicos: a pesquisa (in)corporada como meio para a visibilidade social. In: LARA, Larissa Michelle; LOPES, Beatriz Ruffo; SOUZA, Vânia de Fátima Matias (Orgs.). **Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade**. Maringá, GPCCL, p. 35-42, 2019. Disponível em:

<http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpSioEstudosCulturaisEF2019.pdf>. Acesso em: 7 set. 2021.

MARANI, Vitor Hugo. **Corpo, dança e educação física: experiências subversivas de gênero e sexualidade?** 2021. 225f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

MARQUES, J. P. Experiências do corpo nos estudos culturais e saberes formativos na educação física: subjetivação, institucionalização, saúde e disciplina. In: LARA, Larissa Michelle; LOPES, Beatriz Ruffo; SOUZA, Vânia de Fátima Matias (Orgs.). **Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade**. Maringá, GPCCL, 2019, pp 125-133. Disponível em: <http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpSioEstudosCulturaisEF2019.pdf>. Acesso em: 7 set. 2021.

MARQUES, João Paulo; SÁ, Ariane Boaventura da Silva; LARA, Larissa Michelle. Estudo da subjetivação e institucionalização dos corpos na obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. **Revista Diálogos Interdisciplinares**: São Paulo, v. 10, n.1, p. 11-31, 2021. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/961>. Acesso em: 7 set. 2021

MILLINGTON, Brad; WILSON, Brian. Contested terrain and terrain that contests: Donald Trump, golf's environmental politics, and a challenge to anthropocentrism in Physical Cultural Studies. **International Review for the Sociology of Sport**, p. 1-14, 2016.

SÁ, Ariane Boaventura da Silva. Physical Cultural Studies: reflexões acerca da produção de conhecimento em mídia esportiva. *In*: LARA, Larissa Michelle; LOPES, Beatriz Ruffo; SOUZA, Vânia de Fátima Matias (Orgs.). **Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade**. Maringá, GPCCL, p. 134-140, 2019. Disponível em: <http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISsimposioEstudosCulturaisEF2019.pdf>. Acesso em: 7 set. 2021.

SÁ, Ariane Boaventura da Silva; MARANI, Vitor Hugo; LARA, Larissa Michelle. Narrativas autoetnográficas e desafios para a educação física nos Estudos Culturais Físicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, e260027, 2021.

SILK, Michael; ANDREWS, David Lawrence. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v.28, n.1, p. 4-35, 2011.

SILK, Michael; ANDREWS, David Lawrence; THORPE, Holly (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Londres e Nova York: Routledge International Handbooks, 2017.

VERTINSKY, Patricia; WEEDON, Gavin. Historicizing Physical Cultural Studies. *In*: SILK, Michael; ANDREWS, David Lawrence; THORPE, Holly (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Londres e Nova York: Routledge International Handbooks, 2017.

VIEIRA, Alba Pedreira. Dança, educação e contemporaneidade: Dilemas, desafios sobre o que ensinar e o que aprender. *In*: Lara, L. M. **Dança: Dilemas e desafios na contemporaneidade**, p. 155-184, 2013.

VIEIRA, Alba Pedreira; BOND, Karen. Experiências vividas em dança: arte e relacionamento corporificado. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 129-149, 2017.

RECEBIDO EM: 23/11/2021
PARECER DADO EM: 04/05/2022